

O MAL E SUAS DETERMINAÇÕES NA HISTÓRIA

Inácio Pinzetta

O mal e suas mais variadas manifestações na história foram desde sempre uma questão intrigante para o ser humano na medida em que sua origem se perde num obscuro labirinto, indecifrável, e cujo poder afeta todo o ser vivo de forma desagradável e brutal. O mal faz gemer. O mal faz pensar. Partindo do texto da literatura judaica que afirma que Deus criou tudo – céu, terra e humanidade – do nada, daquilo que não era (2Mc 7,28), sendo Ele o único Deus, princípio e fim de todas as coisas, todo Bem, e sendo igualmente boas todas as suas obras (Eclo), qual é, pois, a gênese do mal? Se tudo era bem, de onde surgiu o mal? Não sendo (existindo), não poderia ter ingressado na história; mas estando presente, como se nota, por qual fresta entrou e como entrou? Será um não-ser, mesmo vendo e sentindo as contorções das dores? Será o mal o não-ser que quer ser e que não irá ser, mas na luta com o ser prejudica aquilo que é? O mal se constitui, portanto, num grande mistério, um problema insolúvel, mas mesmo assim o homem não pode eximir-se de refletir sobre esta questão. O mal se manifesta sob várias formas, na dor de dente, no homem mentindo para outro homem, na fome, na violência do ser humano contra tudo o que vive e respira e na sua maior radicalidade: a morte. As manifestações do mal são terríveis e fazem um dano incalculável. No entanto, apesar de tanta evidência, o mal não se deixou alcançar pelo conceito filosófico e teológico. No paraíso de Deus, no jardim, havia entre as árvores a árvore do conhecimento do bem e do mal. O mal era apenas uma possibilidade, uma potência, que poderia tornar-se real pela escolha do homem, ou já estava ali, presente, desde sempre? A exegese do texto veta a leitura de que o mal e o bem constituam uma dualidade originária. Não existe um princípio original do mal na literatura judaica.

A busca pela compreensão das origens foi uma constante no pensamento grego, principalmente a partir de Hesíodo, ao redor dos anos oitocentos antes da era cristã. Na Teogonia, a origem dos deuses, Hesíodo narra que por primeiro nasceu o Caos, e depois a Terra e Eros (Amor), o mais belo entre os Deuses imortais. E da Terra nasceu o Céu. E assim sucessivamente foram nascendo e se multiplicando deuses, deusas e os seres mais variados. O nascimento e a vida entre os deuses nem sempre eram harmoniosos. Hesíodo narra a sangrenta luta dos deuses entre si.

Por volta de quinhentos anos antes da era cristã Parmênides, no fragmento 13, escreveu: “Como primeiro criou antes de todos os deuses o Eros (o Amor)”. Poucos anos mais tarde, Heráclito de Éfeso, no fragmento 8 escreveu: “O contrário em tensão é convergente; da divergência dos contrários, a mais bela harmonia”. Cem anos mais tarde, observando e estudando a natureza, Empédocles de Agrigento escreveu no fragmento 17: “E essas coisas nunca cessam de mudar continuamente, ora convergindo num todo, graças à Amizade (Filia), ora cada uma separada das outras pela Discórdia”.

Os gregos pré-socráticos, observando a natureza, tomaram ciência da luta entre os seres vivos. E Aristóteles, ao ler os fragmentos desses gregos, escreve no primeiro livro da Metafísica que Empédocles de Agrigento considera a Amizade como causa de tudo o que é bom e a Discórdia, de tudo o que é mau. De acordo com Aristóteles Empédocles é de alguma maneira o primeiro a mencionar o bem e o mal como princípios. Os pensadores pré-socráticos dão-se conta que na natureza e entre os homens existem forças contrárias, forças positivas e forças negativas, em constante movimento. Heráclito acredita na possibilidade da conciliação e não busca princípios para essa desigualdade. Empédocles propõe os princípios do bem e do mal. O pensamento grego, portanto, tanto na sua expressão teológica (Hesíodo) quanto na sua formulação filosófica, busca os princípios das divergências na história humana e na natureza.

Não é diferente, saltando agora, no tempo e no espaço, para a região da Mesopotâmia. Marduk, deus da cidade da Babilônia, antes de tornar-se o grande e poderoso Deus da Mesopotâmia teve de empreender dura batalha. Antes de tornar-se o supremo deus, Marduk teve que enfrentar as forças caóticas comandadas pela deusa Tiamat – monstruosa figura feminina, símbolo do caos primordial – e do seu marido Kingu. Marduk mata Tiamat, dividindo seu corpo em duas partes, fazendo de uma, o céu, e de outra, a terra, restabelecendo a ordem. Cria o homem com argila misturada com o sangue do sacrifício de Kingu. Esse mito serve de fundamentação para a realidade cultural da Babilônia e mostra a forte dualidade na compreensão das coisas, isto é, de um lado, o Deus do bem e da ordem, Marduk, e, do outro, a deusa do caos e do mal, Tiamat. O mal deve ser excluído para que o bem possa prosperar.

O mal está aí e é um problema colocado pela história.

O mal na literatura judaica

A antologia da literatura judaica não apresenta um pensamento unânime sobre a problemática do mal. Isto é inteiramente compreensível na medida em que o povo de Israel conviveu ao longo de mais de mil anos, na sua própria terra e em terras diferentes, com diferentes culturas. Professando sua fé num único Deus, apesar de chamá-lo com mais de um nome, a teologia judaica, e posteriormente a cristã, rejeitam o conceito de dois primeiros princípios, de duas essências originárias. Existe apenas o princípio do bem, Deus. E o mal, de onde provém? Eis o desafio para a teologia e para a filosofia judaico-cristãs.

As duas narrativas da criação Gn 1,1–2,4a e Gn 2,4b–3,24 não têm o interesse de demonstrar a origem do bem e do mal. Ambas querem refletir sobre a realidade em que estão vivendo. A primeira, que é no tempo posterior à segunda, mostra os encantos que Deus oferece ao ser humano e aos seres vivos, gratuitamente, e acima de tudo quer ser uma afirmação de que todas as obras, inclusive o sol e a lua, são obras de Deus. Sol e lua não são deuses como propunha e adorava a religião na Babilônia, onde parte do povo de Israel viveu um tempo exilado. Tudo é harmonioso nesta primeira narração. Na segunda narrativa, as relações entre as pessoas e seres vivos são tensas e perigosas. A famosa serpente que fala neste texto ainda não está a simbolizar, pelo menos especi-

ficamente, o dragão. Nas leituras posteriores ela assume toda a brutalidade do monstro. A serpente na cultura e religião judaicas assume muitos símbolos e valores. Igualmente, em muitas outras culturas, religiões e mitologias, ela encarna uma grande variedade de símbolos. Pode, dentro do contexto narrativo, representar as origens, a fecundidade, a vida, a morte.

Na segunda narrativa do Gênesis ela pode estar representando o Estado monárquico, que com inteligência, ardil, astúcia, violência e poder, engana as pessoas e as oprime. Não é tão difícil pleitear por esta hipótese. Mas esta não é a única e exclusiva interpretação. A serpente, ser astuto e inteligente, entra em cena para possibilitar um diálogo com o ser humano. De um certo modo, corresponderia à raposa nas famosas fábulas, que fala com os demais animais, e exibe muita inteligência. Na narrativa do Gênesis a serpente possibilita aos nossos pais, Adão e Eva, no diálogo consigo, refletirem sobre as possibilidades de escolha entre o bem e o mal. Lançar a culpa a respeito da origem do mal sobre a serpente seria um jogo fácil e irresponsável do ser humano. Uma fuga diante da responsabilidade de assumir os próprios atos. É no quarto capítulo do Gênesis, no conto de Caim e Abel, que o mal mostra toda sua brutalidade e suas garras. O mal assume aqui a forma de uma fera acuada, pronta para atacar. No relato, Abel é a vítima. É o relato da primeira morte. Esta, já anunciada em Gn 3, entra agora, pela primeira vez, não como um conceito, ou uma idéia vaga. Inaugura seu serviço, ou des-serviço, da forma mais brutal possível. Ali ela se realiza plenamente na sua negatividade. Caim não optou pela vida. Preferiu a morte, a morte de seu irmão. Na teologia judaica, é freqüente comparar a morte com o mal e o bem com a vida. Dt 31, 15 ilustra exemplarmente essa comparação: “Veja: hoje eu estou colocando diante de você a vida e a morte, o bem e o mal”. Caim rompe brutalmente com seu irmão. Não soube, ou não quis, discernir entre o bem (a vida) e o mal (a morte). Sua escolha foi uma opção infeliz porque feriu de morte a vida.

Para expressar a violência do mal na história o povo de Israel serviu-se do uso de muitas metáforas. Os animais, de modo especial os mais fortes ou venenosos – leão, urso, pantera, crocodilo, hipopótamo, serpente, escorpião – assumem o símbolo da voracidade, da violência, opressão, dor e morte. Nem sempre, porém, os símbolos usados para expressar a força do mal, da malignidade, são coisas ou seres conhecidos do ser humano. Leão, urso, serpente, por exemplo, temos oportunidade de conhecer, de ver. Eles estão aí. Dragões, quem já os viu? Ora, quando se quer expressar uma grande violência, algo que ultrapassa a compreensão do ser humano, quando a própria razão fica entorpecida, recorre-se a uma metáfora que corresponda aproximadamente aos danos do mal. A literatura apocalíptica soube fazer excelente uso deste recurso para expressar o contexto histórico de perseguição, violência, opressão e morte.

Mas, e o Satanás, os diabos, os demônios e outras figuras do mal, quem são e o que estão a fazer na história humana? Satanás, que hoje põe medo em todo mundo só no ouvir seu nome, fazia parte da corte divina ao lado dos filhos de Deus (Jó 1,6; 2,1). Sua tarefa é acusar. O livro de Jó elucida bem sua função. Após ter dado uma volta pela terra, relata, diante da pergunta de Deus, como está Jó, mas não concorda com o Senhor. Considera que a retidão, a integridade e o permanecer longe do mal é apenas uma

retribuição ao favor que Deus lhe dá através da proteção. Segundo Satanás é fácil ser bom quando tudo na vida vai bem. Deste contexto surge a prova a que Jó é submetido e sai vencedor. Não é fácil, no entanto, precisar exatamente qual era a função ou as funções de Satanás. Coisa boa não era. Não é um personagem simpático. Sua antipatia parece crescer ao longo dos textos, junto com sua maldade. Nos julgamentos, que eram feitos em público, nas portas da cidade, ali, para que todos pudessem ter um acesso mais fácil, um dos participantes do processo chamava-se Satanás, isto é, o acusador. Durante o debate o juiz ficava sentado, enquanto que as pessoas envolvidas no julgamento permaneciam de pé. Tanto o acusador (Satanás) quanto o defensor, ficavam de pé ao lado direito do acusado. A raiz da palavra Satanás converge em todas as suas derivantes para termos de hostilidade, oposição, acusação, ataque, devolução do bem por mal e promoção para a ruína do outro.

Na literatura bíblica, para expressar a idéia de inimigo, adversário, usa-se com freqüência o nome Satanás. Adversários num processo, pessoas com comportamento hostil ou que impedem que alguém atinja um determinado fim, que fazem uso da hostilidade, são chamadas de Satanás (Sl 109,6; 1Sm 29,4; 1Rs 5,18; 11,14.23.25). O livro dos Setenta (Septuaginta) traduz Satanás por Diabo ao verter a literatura hebraica para a grega. Na língua grega Diabo significa caluniador, aquele que fala mal do outro. No Novo Testamento, em Mc 1,13 Jesus é tentado por Satanás e em Mt 4,1 é tentado pelo Diabo. Aqui e em outras passagens do Novo Testamento, Satanás ou o Diabo são os opositores dos homens e de Deus. São muitos os atributos dados a Satanás no Novo Testamento, todos de mal para pior: o maligno, detentor de falsa ciência, príncipe dos demônios, o inimigo, deus deste mundo, o sedutor, aquele que reina sobre um império de trevas, a antiga serpente.

Por sua vez, a palavra *demônio* aparece apenas três vezes no Antigo Testamento. No Novo, o uso deste termo é mais freqüente. O livro do Deuteronômio (Dt 32,17) fala de sacrifícios que foram feitos a falsos deuses, a deuses novos e aos *shedim*, que a Septuaginta traduz por demônios. O mesmo termo é empregado no Salmo 106,37: “Sacrificaram aos demônios seus filhos e suas filhas”. O segundo livro das Crônicas (11,15) usa o termo *se'irim*, cujo significado é demônio em forma de bode, de sátiro. A Septuaginta traduz por *mataíois* (vazio, vacuidade, vão). O texto faz uma acusação ao rei Roboão: “Ele próprio (Roboão) nomeava sacerdotes para lugares altos e para o culto dos sátiros e dos bezerros que ele fabricou”.

As forças contrárias ao que é belo, bom, edificante na vida e na história, ou seja, o lado desagradável e terrificante, são apresentadas na literatura bíblica com figuras bastante enigmáticas, com alguns traços mitológicos, mas que o leitor sabe identificar como o vetor triste e horroroso. Leviatã é o monstro das sete cabeças do caos primitivo da mitologia fenícia. Ele está em Jó, em Isaías e no Salmo 104. A Septuaginta traduz por *kétos*, o monstro marinho, o grande peixe que engoliu Jonas. Mt 12,40 faz referência a este episódio quando Jesus afirma que nenhum outro sinal será dado aos fariseus e aos doutores da lei a não ser o sinal de Jonas. Assim como Jonas fora engolido pelo grande peixe, do mesmo modo Jesus será engolido pelo *kétos*, o monstro do mar, a morte, mas apenas por três dias e três noites. Um poder do mal bastante restrito. Is 27,1

põe Leviatã em paralelo com o dragão do mar (Tannin), qualificado como serpente fútil e tortuosa, símbolo da desordem e encarnação do poder do mar. Leviatã e Tannin são dois monstros ligados ao mar. O Salmo 74 relata entre os grandes feitos de Deus na história a destruição destes dois monstros marinhos, referindo-se à ordem posta ao Caos inicial e à passagem do Mar Vermelho, lugar que simboliza a passagem da escravidão para a vida livre, bela e boa. Os versículos 12-17 do Salmo 74 proclamam Deus como rei do universo desde a origem. O povo judeu suplica ao seu Deus que retome a obra da criação, ou seja, pede que sustente o que criou. Este pedido reflete o perigo em que o povo se encontra. A criação é interpretada aqui a partir do Êxodo: a fuga do Egito e a entrada em Canaã. O livro de Jó dedica um trecho bastante longo a Leviatã, e claramente se refere ao senhor das águas do Rio Nilo, o crocodilo (Jó 40,25–41,26). Ele é forte, é valente, ninguém na terra se iguala a ele, e no entanto ele é uma criação de Deus. Em Jó, Leviatã apresenta traços do dragão da mitologia fenícia, mas no final do livro é descrito como o crocodilo. A riqueza do símbolo também está nesta variedade de significações.

Outra metáfora que a teologia judaica usa no Antigo Testamento para expressar o poder do mal é Rahab. Etimologicamente, significa ferocidade e soberba. É o nome simbólico do Egito (Sl 87,4). Designa igualmente um monstro mitológico (Sl 89,11). A mesma raiz, quando usada como verbo, passa a significar assaltar e agitar-se. A Septuaginta consegue dar a exata idéia do poder de Rahab quando o traduz por Dragão. É a personificação do oceano caótico. Rahab, Leviatã e Beemot (em Jó, Hipopótamo) formam a tríade devoradora e assumem o poder do mal nas águas violentas.

As metáforas usadas pela literatura do Antigo Testamento e, por extensão, do Novo Testamento, para expressar a brutalidade do mal, são rigorosamente a imagem do feio, do horrível, daquilo que incute no ser humano o sentimento profundo do medo e da angústia. Este é um dos lados da medalha, porque o mal sabe apresentar-se com elegância e consegue, neste seu jogo de duplicidade, atrair e afastar, como mostra a bela mulher do capítulo 17 do Apocalipse. Muito além, ou aquém das metáforas, o mal está presente na história da humanidade e faz seu percurso junto com o ser humano, mostrando surpreendentemente novas e perigosas faces, às quais cabe opor-se, caso quisermos conquistar o espaço paradisíaco proposto por Deus e sempre sonhado pelo homem.

Inácio Pinzetta

Rua Moisés Antunes da Cunha, 55, Apto. 501
Bairro Santo Antônio
90640-190 Porto Alegre, RS